



Um analista pensa sobre histórias em quadrinhos: relato de uma experiência em um contexto de difusão da psicanálise

Eneida Iankilevich*, Porto Alegre

A partir do relato de uma participação em atividade de difusão da psicanálise, a autora sugere que essas podem ser oportunidades de aprender sobre nossa profissão desde um outro vértice. Nessas tarefas o psicanalista precisa encontrar uma forma de comunicar-se com a audiência que é, necessariamente, diferente da que utiliza em seu consultório ou em discussões com colegas. Esse esforço pode iluminar a escuta analítica, identificando nossas premissas de observação e nossa avaliação dos resultados obtidos. Nessa experiência específica, a autora constata como especificamente analítica a busca por entender além do já compreendido, do já conhecido. A experiência relatada diz respeito à proposta a alguns pais de filhos em diferentes idades a que lessem para eles (e com eles) três histórias em quadrinhos e depois relatassem o que acontecera, fosse qual fosse o resultado. Desse rico material, a autora destaca a interação como essencial à possibilidade do acontecer da experiência. E ainda o investimento afetivo como determinante da qualidade dos resultados; a história nunca tomada literalmente, sempre construída, construída como pessoal e intransferível, mas significativa apenas se compartilhada, o encantamento da interação (crianças/pais, autora/crianças, pais e relatos),

* Médica Psiquiatra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Psicanalista Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Psicanalista da Infância e Adolescência na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

a abertura de significados e possibilidades que resultou da experiência, a fala como recurso essencial à comunicação, à construção de símbolos, à individualidade. Achado talvez principal foi a busca por entendimento enquanto característica comum a todos os entrevistados, sinalizando ser essa busca intrinsecamente uma necessidade humana. A verdade da história encontrada mostrou-se menos importante que o encontro de uma história entendida, essa sim verdadeira. A autora sugere que o estudo de nossas mentes na atividade de difusão da psicanálise pode ser útil também para nossa própria convicção do valor do instrumento psicanalítico.

Descritores: Psicanálise. Narração. Difusão da psicanálise. História. Historização. Mente do psicanalista.

1. Contextualizando

Algumas vezes, no exercício da função de psicanalistas, somos chamados a participar de atividades culturais mais amplas, contribuindo com nossa escuta específica sobre o objeto de reflexão proposto. Essa atividade tem importância para a divulgação das possibilidades da abordagem psicodinâmica. Através dessa, pretende-se enfatizar a subjetividade como intrínseca a toda manifestação humana e a psicanálise como disciplina dedicada a seu estudo e método capacitado de tratamento de suas perturbações. A esse respeito Figueira (1994), estudando a questão da difusão da psicanálise, afirma:

[...] a difusão psicanalítica era [para Freud e os primeiros analistas] fundamental, já que os psicanalistas, enquanto profissionais, precisam de pacientes para ganhar a vida. Isso significa que tanto o público quanto outros profissionais médicos precisam ser convencidos do valor da psicanálise como disciplina terapêutica e intelectual (p. 27).

Essa afirmação continua atual e talvez tenha adquirido uma importância ainda maior no momento sociocultural no qual vivemos, que privilegia resultados concretos e imediatos além de aquisições materiais, conforme tantos autores de diferentes campos científicos têm enfatizado. Segundo Figueira (Ibid.), a preocupação de Freud em enfatizar que a psicanálise não conduz a uma *Weltanschauung* e, nesse sentido, sua despreocupação em considerar a difusão da



psicanálise tema psicanalítico, deixou “amplo espaço para aqueles que acham que ela não passa de uma religião, uma seita, etc, desenvolverem livremente suas idéias” (p. 28). A participação de psicanalistas em atividades da comunidade é necessária para a divulgação da forma de pensar que desenvolvemos. Nossa disposição em escutar outros vértices de observação dos fenômenos também pode servir para essa difusão, especialmente ao abrir espaço para o diálogo: ao ouvirmos, respeitarmos e pensarmos com outras abordagens, nos fazemos ouvir e respeitar.

Minhas contribuições nesse tipo de atividade me levaram a considerá-las oportunidades de enriquecimento de nossa própria abordagem, por levantarem questões sobre a teoria e técnica que utilizamos. A preparação da apresentação a ser feita já nos impõe uma aproximação diferente de nosso próprio instrumento. Neste trabalho, descrevo minha participação em uma dessas atividades de difusão, na forma como a apresentei, além das reflexões e aprendizado que me possibilitou. Pretendo, dessa forma, contribuir ao estudo da difusão como tema psicanalítico, conforme propõe Figueira (1994).

2. A apresentação

Em 2006, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre promoveu uma mesa redonda sobre histórias em quadrinhos como atividade da Feira do Livro de nossa cidade. Convidada a participar representando a SPPA, minha primeira reflexão foi: *o que a psicanálise, e um psicanalista, tem a ver com isso?* Pessoalmente, sou fã de quadrinhos desde sempre. De leitora constante de Luluzinha, tio Patinhas e companhia, dos super-heróis (Fantasma, sem dúvida!), do inesquecível Ziraldo da Turma do Pererê, (da Mônica muito pouco, porque surgiu quando eu já estava meio velha para essas coisas), cheguei ao Rango do nosso Edgar Vasques, às Cobras do Luis Fernando Veríssimo. Também cito de memória Mafalda, Asterix e Calvin. Adoro Tintim, Hagar e outros mais e vivo atrás de uma pista de meus quadrinhos preferidos perdidos no tempo: *Zezé e companhia*, historinhas de uma família constituída de pai, mãe e alguns filhos, acho que três, um guri de uns doze anos, uma adolescente, se não me falha a memória, e a Zezé, um bebê que ouvia o que os outros diziam e os balões mostravam como entendia/pensava o que ouvia. Construía-se situações maravilhosas, com Zezé dando entendimentos concretos em sua mente/balão pensante às palavras que escutava, abrindo perspectivas inesperadas e fascinantes ao prosaico enredo familiar. Pelo menos é assim que lembro. *Mas o que a psicanálise tem a ver com isso?* Dos inúmeros vértices de onde seria possível partir nessas reflexões, o que me impressionou foram as

perguntas que me ocorriam, tantas perguntas... Então Zezé, ou pelo menos a Zezé que o tempo e minha apropriação dela deixaram em mim, me ajudou: afinal, o que eu sei de como uma criança ou as crianças pensam de histórias em quadrinhos?

Como psicanalista e psicanalista da infância e adolescência, dedico-me há muitos anos com meus colegas a estudar o desenvolvimento infantil, suas características e seus desvios. Como psicanalistas, buscamos entendimento da mente humana, tão complexa e fascinante em todas as suas incríveis possibilidades e especificidades. Mas o que é, afinal, psicanálise? De acordo com a definição de seu fundador, Freud (1922):

é um método para a investigação de processos mentais de outro modo quase inacessíveis; um método de tratamento baseado nessa investigação; uma série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio e que se vão juntando umas às outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica (p. 287).

Costuma-se dizer que *explicação simples* é aquela que até uma criança entende. Como tenho aprendido com as crianças, entretanto, muitas vezes são elas que nos podem explicar o que não sabemos por nos parecer tão óbvio. Fico, então, com a definição que a filha de amigos meus, ambos psicanalistas, dava da profissão de seus pais quando era bem pequenininha: “Meu pai é médico dos sonhos”.

Entendendo sonho como expressão da dimensão humana transformadora e criativa em sua essência, ao mesmo tempo solução de problemas e abertura de significados, com proposições de novos problemas em complexidade e riqueza crescentes, somos mesmo, ou eu gostaria de continuar tentando ser, *médicos dos sonhos*. Penso, de acordo com minha evolução pessoal até o momento, que atendemos pessoas que estão, de alguma forma, impossibilitadas de sonhar, tomando sonhar nesse sentido mais amplo. Impossibilitadas de “inaugurar o mundo a cada instante”, como diz nosso poeta Mario Quintana (1986, p. 82), aprendendo sempre mais de si mesmos, com isso enriquecendo e aprofundando suas relações. O que nos impede desse tão almejado surpreender-se constante? Como tantos autores de tantas áreas diversas enfatizam, é preciso suportar as angústias de não saber para poder perguntar, para aprender, para saber um pouco e ter vontade de saber mais.

Então percebi que poderia estudar as histórias em quadrinhos de que tanto gosto de muitos vértices. Poderia levantar hipóteses sobre o interesse das crianças – ou mesmo dos adultos – por essa forma de contar. Ou refletir sobre características



desse tipo de narrativa que possam contribuir para sua popularidade. Ou tentar entender o impacto das tiras da Mafalda, por exemplo, em mim. Ou estudar o menino Calvin... Mas Zezé, o que diria de meus pensamentos? O que Zezé acha dos quadrinhos? De quais ela gosta? Por quê? Ocorreu-me então tentar uma forma de perguntar-lhe, admitindo, o mais humildemente que possa, minha ignorância. Para tecer meus comentários e reflexões a partir dessa escuta. Como fazer isso?

Planejei uma pequena experiência. Escolhi alguns tipos de quadrinhos, um mais representativo de histórias para crianças (Mônica), outro mais voltado, me parece, para o público adulto (Mafalda) e um que conta de uma criança (Calvin). Três tiras pequenas. Pedi a alguns pais que as mostrassem a seus filhos individualmente, da maneira que lhes fosse mais natural, perguntando o que achavam que cada historinha queria dizer, se lhes agradava ou não (e se sabiam por quê), de qual gostavam mais. Enfatizei que “toda e qualquer reação da criança me interessaria: se não quis, se parou de ler, se nenhuma a interessou, se fez alguma observação... pois a recusa vale como resposta!” E que dissessem como se sentiram fazendo isso. É desse meu diálogo com *as Zezés* que lhes quero falar, para que possamos pensar juntos a partir de minhas reflexões iniciais. Os pais receberam de mim cópias de três historinhas retiradas de uma revista da *Mônica* (autor Ziraldo, brasileiro), de uma tirinha da *Mafalda* (autor Quino, argentino) e de uma história de *Calvin e Haroldo* (autor Bill Watterson, americano).

A história da Mônica chama-se *Um dia na vida de uma corda*. É uma história em quadrinhos completa, em três páginas, colorida, sem palavras. Nela, Mônica encontra uma corda, aparece brincando com ela sozinha (pulando corda), depois brincando de cabo de guerra com seus amigos guris, aos quais ela derruba, vencendo o jogo, apesar de estarem todos de um só lado da corda contra ela apenas. A seguir estão todos andando de balanço, feito com a corda e uma tábua, divertindo-se juntos. Depois Cascão está correndo em seu cavalo de pau como um valente peão, usando a corda como laço, até que encontra Magali, que caíra de um penhasco, suspensa em um tronco de árvore prestes a cair também. Com a corda, Mônica puxa-a salvando a amiga. Por fim, Mônica, o sol já se pondo, guarda a corda num armário onde já estão seu coelhinho azul e uma bola. Corações vermelhos circundando a corda enfeitam o quadrinho.

A tirinha de Mafalda é composta de quatro quadros em branco e preto. No primeiro, Mafalda e seu amigo Felipito olham para o irmãozinho da menina, que é um bebê e lhes sorri um grande sorriso. Mafalda diz a Felipito, “Sabias que Guille já fica de pé sozinho?”. No segundo quadrinho, um close nos rostos de Mafalda e Felipito, esse exclama: “Sem agarrar-se a nada?!”. No terceiro, ainda esse close, os dois com uma expressão embaraçada e há um *bonk* escrito. No



Eneida Iankilevich

quarto quadrinho, um plano geral mostra Guille estendido no chão, agarrado às calças de Felipito, que puxara ao cair, deixando-o sem calças. Felipito está muito embaraçado (o que é expresso no desenho por um corado em seu rosto representado por riscos nas bochechas).

O terceiro estímulo é de Calvin e Haroldo, a conhecida história em quadrinhos de um menino, Calvin, que tem um tigre que, quando há adultos por perto, é desenhado como de pelúcia, mas se torna um verdadeiro tigre quando estão presentes apenas ele e Calvin. Nessa história em particular, de uma página, colorida, há partes com e partes sem palavras. Haroldo, como tigre de verdade, está à janela e demonstra ver Calvin aproximar-se vindo da rua. Sai correndo, desaparecendo da vista dos leitores. Agora aparece Calvin chegando à porta de entrada. Quando já ia abri-la, pára, pensa, corre para a janela, por onde entra em casa, indo até a porta da rua pelo lado de dentro, de onde grita “Cheguei!”, ao que aparece Haroldo atirando-se para atacá-lo de surpresa. É ele quem é pego de surpresa por Calvin. Esse, encontrando-se dentro de casa, abre a porta, o que faz com que Haroldo, movido pelo impulso do ataque que intentara, voe porta afora para a rua. Calvin, muito satisfeito, bate a porta, deixando Haroldo na rua. Batem à porta. Calvin xinga Haroldo, dizendo que não o deixará entrar, nem que isso leve a noite toda. O cenário, no último quadrinho, muda: do lado de fora da porta, querendo entrar, está a mãe de Calvin, carregada de compras, com as mãos, portanto, ocupadas, ao lado de Haroldo, agora um inocente tigre de pelúcia placidamente sentado. A mãe, muito zangada, diz: “Mal posso esperar para ouvir uma explicação para isso!”.

Dezesseis crianças e adolescentes iluminaram minhas questões: oito meninos, oito meninas. As idades variaram de quatro a dezenove anos (um de quatro anos, três de cinco, um de seis, dois de sete, um de oito, um de nove, um de onze, um de doze, um de treze, dois de quinze, um de dezenove). Dez pais tornaram possível essa experiência. As respostas, escritas pelos pais, são documentos inestimáveis. Certamente, já que não poderei aproveitar toda a riqueza de cada depoimento individual, deter-me-ei em alguns aspectos desse vasto e encantador universo.

O que primeiro me chamou a atenção - e me encantou! - foi a receptividade que minha proposta encontrou entre os pais-amigos que contatei. E como todos os filhos tiveram a mesma atitude. Nenhuma criança recusou a proposta, nenhuma história deixou de ser vista. O prazer com a experiência foi o sentimento predominante nas descrições dos pais. E, certamente, meu sentimento ao estudar o que recebi. Minha sensação de descoberta, de surpresa, de crescimento, ecoou o que muitos pais explicitaram: a emoção de descobrir seus filhos mais uma vez,



de surpreender-se com eles: “Me senti bem e satisfeita de ver meu filho pensando sobre as tirinhas e tirando suas próprias conclusões.” “Fiquei com uma expectativa do que eles iriam dizer, entender e se o que eles pensaram e gostaram tinha relação com o que eu pensei e gostei.” “Foi muito prazeroso e interessante”. Ficou claro para mim que as versões são individuais e que, nas suas respostas, cada um revelou, muito nitidamente, o seu jeito de ser. E gostei disso!

A especificidade das histórias em quadrinhos, a utilização de desenhos e palavras, foi reconhecida e citada pelos *leitores* menores. Os três itens que caracterizam as histórias em quadrinhos, de acordo com Richard Outcault (1896), são a narração em seqüência de imagens; a permanência dos mesmos personagens e a utilização da figura gráfica dos balões (que acomodam falas e pensamentos). As crianças assinalaram a *falta de palavras* na história da Mônica (“Não tem escrita? Essa é muda?” oito anos). “Essa eu conheço”, referiu um “*entrevistado*” de quatro anos. Alguns pais referiram ter notado que seus filhos reconheceram a seqüência da história.

Vários dos menores reclamaram da *falta de cor* e sugeriram, espontaneamente, colorir! Foi relatado várias vezes que pegavam as cópias nas mãos, giravam-nas, olhavam e tornavam a olhar. Esses movimentos, que tanto têm a dizer, me fizeram pensar na questão do *objeto livro*, esse que os entusiastas da informática afirmam ter seus dias contados. De alguma forma essas crianças nos ensinam que o contato físico, o pegar, virar, aproximar, afastar dos olhos, olhar em várias posições, folhear, cheirar, fazem parte (essencial, acredito, em defesa dos nossos amados livros) do prazer da leitura. Nada mais precisaria ser dito, depois das demonstrações das crianças de que o papel, os livros podem ser coloridos, personalizados!

As faixas etárias, o momento do desenvolvimento, mostram-se determinantes na forma de compreender as histórias como seria de esperar. A leitura das considerações feitas possibilita o reconhecimento da maravilha intrínseca a cada momento da vida. Uma menina de cinco anos recontou assim a história da Mafalda: “Era uma vez um menino que era irmão de uma menina. Tinha um bebê recém-nascido que eles disseram assim: Ah, o bebê já consegue caminhar. A menina viu um amigo, daí ele ficou com a cara toda riscada. Daí a menina ficou com uma cara de triste. E o bebê ficou todo deitado, espiando a conversa.” Um rapaz de dezesseis anos declarou, a respeito da história da Mônica: “Pode ser uma crítica de que as pessoas aproveitam as coisas de pessoas por um tempo, enquanto são úteis ou interessantes e depois esquecem num canto.” Aos treze anos, um guri afirma que “A corda gostou de ficar em casa (os corações), porque antes ela estava largada no chão.” Uma jovem de quinze anos refere que

“No fim, a corda foi usada até para salvar a Magali. E foi guardada com amor.” Outro, da mesma idade, diz ter sido a história da Monica a sua preferida, “porque a imaginação está acima de qualquer coisa.” E a mais velha, aos dezenove anos, comenta “(...) temos que dar valor para pequenas coisas, que com elas, por mais simples que possam ser, podemos fazer muitas coisas que pensamos. O importante é a capacidade criativa de usar os objetos, assim como o que pensamos”. Evidenciam-se os diferentes graus de abstração possíveis a cada etapa do desenvolvimento. O interesse e capacidade de atribuir um sentido ao estímulo apresentado aparecem como a solução buscada pela mente em todas essas crianças. O fato de terem sido os pais a apresentar aos filhos essa tarefa certamente desencadeia uma busca por satisfazer aquilo que imaginam que os pais esperam deles. A resposta é interesse, concentração, seriedade, busca de dar sentido a algo que percebem estar investido afetivamente pelos pais. Pode-se inferir esse desejo de atender à demanda parental e perceber que isso não impede o prazer na tarefa compartilhada, a curiosidade desencadeada. Inevitável pensar aqui na interação como força motora da busca de conhecimento.

Todas as crianças pequenas consideraram as histórias *muito curtas, com poucos detalhes*. É interessante destacar que essa *queixa* (pois era uma crítica, como atestam as exclamações do tipo “tomara que a outra seja mais comprida!”) contrasta com o que é descrito pelos adultos como essencial nessa forma de contar histórias através de imagens e letras: a capacidade de síntese. O que se pode perceber nesses exemplos:





Um analista pensa sobre histórias em quadrinhos: relato de uma experiência em um contexto ...



Para os adultos (os quadrinhos dos exemplos anteriores são dirigidos ao público adulto), a síntese agrada. A idéia transmitida é forte também por ser sintética, crua. As crianças, nesse experimento, reclamam *mais história* (*é curtinha!*, *é tri pequena!*, *agora eu quero uma mais demorada!*). Querem mais detalhes. O que estaria sendo comunicado dessa forma? O desejo de ouvir longas histórias talvez. O prazer de ouvir e de ser ouvido. A necessidade de compartilhar histórias, tempo, companhia para ir *entendendo a história*, construindo essa capacidade. Acredito que é comunicada também a função da palavra, elemento da interação, na construção da identidade; a concepção de que são as histórias que dão significado à existência dos personagens; a noção de pertencer fornecida pelas tramas contadas; o reconhecimento de que as dificuldades enfrentadas é que estabelecem o valor da conquista, os fatos se tornando narração, memória comum compartilhada através de histórias que são contadas e ouvidas inúmeras vezes. Um modelo que possibilita entender a si mesmo no mundo e ao mundo como seu, um lugar para si nesse mundo que é desejado por ser também dos pais. Um mundo onde se pode ser ouvido. A importância de escutar é uma das lições que essas *Zezés* ensinam.

As histórias que os pais contaram, mostrando as imagens, lendo com ou para seus filhos na experiência aqui descrita, se tornaram histórias que invariável e espontaneamente as crianças recontaram para os pais. Em todos os relatos esse fato foi descrito. Eu solicitara a eles que apenas perguntassem se os filhos haviam entendido. Em todas as situações, as crianças recontaram, a seu modo, cada história. Algumas, especialmente as menores, pediram que o adulto contasse mais vezes. Os mais velhos retomaram cada tira, olharam novamente, comentaram, pensaram, compararam (“a do Calvin exige mais reflexão”, observou um leitor de treze anos). Esse trabalho de busca de entendimento exige tempo, faz-se prazeroso no compartilhar a criação, na interação, de uma história peculiar a partir da história objetiva. Nos relatos dos pais, o prazer da experiência superou minhas expectativas. *Ler juntos* foi uma expressão que se repetiu. “Foi agradável, similar a ler para

ele”, escreveu o pai de um menino de seis anos. “Foi tranquilo fazer, uma *hora do conto* depois do almoço”, afirmou a mãe de um menino de cinco. “Fiquei apreensiva, curiosa e satisfeita de *brincar* um pouco com eles através dessa tarefa”, conta a mãe de um menino de quinze e de uma menina de dezenove. “Quando me falaste da tua proposta achei interessante, porque agora poucas vezes leio com ela, que segue lendo bastante”, diz a mãe de uma menina de onze anos e dez meses. A aproximação resultante do contar e ouvir histórias foi destacada pelas crianças, como essa menina de onze anos ressaltou: “São histórias conhecidas no mundo todo. Outras crianças de outros lugares também conhecem”.

A importância do sentimento de pertencer, de comunicar-se, fica evidenciada. Dos relatos, em suas múltiplas possibilidades de entendimento, foi-se configurando uma história de interação entre pais e filhos que vão construindo uma história das muitas histórias compartilhadas. As crianças recontando contos/sonhos para os pais que as ouvem e lhes contam, num entretecer sem fim que vai permitindo o reconhecer-se, a confiança no espaço comum, a noção de si mesmo e do outro, da força da relação. A construção da subjetividade. “A mãe do Calvin é braba como a minha!”, brinca uma menina de onze anos. O pai de uma menina de cinco anos que “*resolveu contar*” a história para ele escreve: “...me disse: Pai! Tu não achas que estou lendo de verdade? Contou como eu contei e após disse: Viu como eu sei ler uma história verdadeira?” Esse sentimento de verdade faz-se presente em todos os relatos.

O aspecto mais impactante, para mim, foi que em *todas* as respostas, sem exceção, havia referência a *entender* como fundamental. Isso aparece de diferentes formas: “O que é *bonk?*”, é a pergunta de uma menina de sete anos. Uma mãe relata que a filha de nove anos “preocupou-se em entender a história”, pareceu-lhe que “o fato de ter entendido ajudou na escolha” da que designara como sua preferida e que seu filho de quatro anos “precisou de ajuda para entender” devido à idade. “Essa eu entendi!”, e foi dessa que gostou mais um menino de seis anos. “Eu entendi que esse bebezinho era um mentiroso!” (doze anos). “Essa eu gostei, porque é engraçada. Quer que eu te explique?” (sete anos). “Ah! Entendi essa! Essa é tão fácil!” (treze anos). “Gostei mais da Mafalda porque essa eu entendi e ninguém vai preferir a do Calvin porque não dá para entender!” (seis anos).

A construção do significado fica evidenciada como eixo da experiência, o que é consistente com as teorias psicanalíticas. As crianças não só seguravam, objetivamente, as folhas das histórias que lhes eram apresentadas, como faziam o mesmo subjetivamente, ao recontá-las em forma particularizada, pessoal. Pensada. Essa apropriação deu vida às histórias, tornando-as múltiplas e ricas e gerou o prazer com a experiência que transparece em todos os relatos. Essa apropriação é



Um analista pensa sobre histórias em quadrinhos: relato de uma experiência em um contexto ...

a construção do significado particular, aquele que é especificamente humano, que dá sentido à vida. A realidade objetiva que se torna sonho para ser realidade que pode ser percebida, sentida, comunicada, compartilhada.

A necessidade de ser ouvido, ouvir, reconhecer diferenças para entender, e então existir e relacionar-se, é um dos ensinamentos *das Zezés* consultadas. Como enfatiza a menina de seis anos que declara ser impossível alguém preferir a história do Calvin, porque *não dá para entender*. E não dá para entender sem ouvir, ser ouvido, estranhar, pensar. E encontrar um espaço e uma companhia para isso. Ensino que pode também ser ilustrado nessa passagem de outra história em quadrinhos:



Nessa história, enquanto os humanos estão empenhados em conseguir o que querem, os animais olham e escutam uns aos outros, do que resulta um entendimento que ridiculariza o esforço dos homens por se fazerem compreender, tão somente. Nas palavras de Rezende (1999, p. 174):

Do outro lado do espelho é que se encontra a salvação de Narciso, graças à experiência do outro, dos outros, e do Outro. E essa experiência é, ao mesmo tempo, de amor e simbolização, na descoberta de outros afetos e de outros sentidos. Amor de um outro que ama e simbolização de sentidos não unívocos.

O sentido vem da interação, como atesta o resultado dessa experiência que as famílias me possibilitaram realizar. E como a psicanálise procura compreender e realizar com os pacientes que não conseguem sonhar, ouvir e contar histórias.

Do muito que aprendi e recebi com essa experiência, a convicção da interação como via preferencial de aprendizado e crescimento se impõe. Em alguma instância, essa teia de relações que se criou ilumina a força da interação que faz possível o investimento afetivo que gera significado. Em alguma medida fui como a *vovó*, a amiga mais velha que pedia algo que os *papais* queriam atender e a que as *crianças*, tentando atendê-los, atendiam. E me tornei também a *criança* que aprendia e se enriquecia da capacidade de sonhar por conta própria de cada um dos envolvidos nessa trama. Essa “experiência de amor e simbolização”, nas palavras de Rezende (Ibid.), “é também o que cria espaço para a liberdade, na intersubjetividade, por meio da experiência de uma verdade amada, com possibilidade de ser compartilhada, num verdadeiro consenso simbólico” (p. 175).

Ogden (2005, p. 407) enfatiza que “a responsabilidade do analista não é com a psicanálise, mas com o bem-estar do paciente”. Também afirma que “o analista deve ser capaz de não saber de si em demasia” (p. 412). Pensando nas muitas e maravilhosas histórias, em tantos desdobramentos em que os quadrinhos que apresentei a meus companheiros de aventura se transformaram, lembrei-me dessas colocações, que penso serem éticas, desses autores. Ajudar nossos pacientes a encontrarem sua especificidade, a construírem suas próprias histórias a partir de um desejo inicial de atender ao pedido dos outros e aprender dessa história comum que marca as individualidades e a força da relação é meta da psicanálise. Isso se faz através da imaginação. Imaginação essa que segundo Ogden mantém em aberto inúmeras possibilidades, que são experienciadas no pensar, brincar, sonhar e em toda a atividade criativa. E que possibilitou esse trabalho.



Um analista pensa sobre histórias em quadrinhos: relato de uma experiência em um contexto ...

Ao dar consistência (realidade?) ao meu sonho-experiência, não pude deixar de pensar com tristeza no quanto seria bom se muito mais crianças tivessem um lar em que pais presentes e disponíveis pudessem ajudá-las a construir histórias próprias a partir de histórias comuns, histórias que tornassem as histórias comuns outras histórias construtoras de outras histórias... Pois é constatação inevitável que qualquer interpretação das respostas obtidas dirá respeito à interação que aconteceu dentro de um contexto sócio-cultural em que as crianças estão atendidas em suas necessidades vitais, o que lhes permite construir uma mente capaz de pensar, imaginar, brincar, sonhar, aprender, criar. Como seria essa experiência com crianças de outra realidade? Se me é permitido sonhar, sonho que possamos ajudar mais crianças a lerem, uma experiência que tem o potencial de funcionar como continente e gerador de significado, espécie de companhia, de vivência de um *outro* com quem se pode comunicar, comunicação essa capaz de criar e ampliar mentes. Um outro que quer ensinar e pode aprender.

3. Pensando...

Figueira (1994), no trabalho já citado, sugere que “a psicanálise poderia ganhar muito com o estudo de sua própria difusão” (p. 29), destacando “o fato da psicanálise existir em (e ser afetada por) uma cultura e uma sociedade”. Quando planejamos uma apresentação para um público não psicanalista, partimos de perguntas diferentes daquelas que imaginamos surgirem num diálogo com colegas. Essa posição inicial peculiar nos dá a oportunidade de estudarmos nosso vértice de abordagem dos fenômenos. Permite observar nossa mente psicanaliticamente treinada trabalhando.

Solicitada a falar sobre o surpreendente tema *histórias em quadrinhos*, pude reconhecer as múltiplas possibilidades de uso da “série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio [um método de investigação de processos mentais] e que se vão juntando umas às outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica”, a psicanálise, conforme define (Freud, 1922, p. 287). E impôs-se minha mente questionando, querendo saber. Essa uma primeira constatação: nosso treinamento como psicanalistas leva-nos a buscar irmos além do já sabido. Na prática psicanalítica, ir além do conscientemente conhecido. Para tal exige-se suportar não saber, a capacidade negativa postulada por Bion (1970). Dessa atitude surge a capacidade de perguntar e de escutar tão essencial à mente, como aprendemos ao longo de nossa formação e vida profissional.

O resultado das questões propostas aos colegas/pais e seus filhos oferece

também uma confirmação dos postulados psicanalíticos. É da relação afetiva que surge a possibilidade de esse trabalho acontecer, é o investimento afetivo que dá significado ao que foi proposto. São os pais que contam a história a seus filhos, movidos pelo desejo de contribuir com uma colega. Ao fazê-lo, transformam a tarefa em um momento de interação com seus filhos. A escuta das crianças e adolescentes não se contenta em tomar, concretamente, o que está dado, mas busca significação pessoal e a compartilha. Tudo acontecendo num espaço transicional, que, conforme Winnicott (1971), é também o do campo cultural (onde os quadrinhos existem) que dá continuidade ao fenômeno transicional. Na clínica psicanalítica, sabemos que é a possibilidade de construção e trabalho nesse espaço, onde acontece a transferência/contratransferência, o que constitui a psicanálise. Nesse pequeno experimento, evidencia-se como essa interação é natural e inevitável em condições de saúde. Atendemos pessoas que não podem ou não puderam usufruir dessa característica humana. Buscamos ajudá-las a retomar o uso dessa possibilidade para seguirem construindo suas histórias, sua própria história, sua história de relações.

Inequivocamente, esse pequeno experimento aponta para a função da fala, da transmissão e comunicação verbal, estruturante e essencial, mesmo que não devidamente destacada nesse texto. Fala que constrói memória, que institui identidade e contribui para a individuação. Fala que é nosso principal instrumento de trabalho psicanalítico, mas cujo estudo extrapola em muito o alcance deste trabalho.

Outro aspecto que se evidenciou é a inequívoca busca por entendimento, significado. Significado que não é unívoco, nem teria por que sê-lo. Mas entender, dar um sentido surge como aquilo que faz possível seguir a ligação, *gostar*, como *determinou* a menina de seis anos (“ninguém vai gostar da do Calvin, porque não dá para entender!”). Pensar, intrinsecamente humano. Ferro (2000), ao longo de sua obra, fala da narração como “a forma do analista estar na sessão, quando ele participa com o paciente da ‘construção de um significado’” (p. 17). Narração essa utilizada pelos pais que contam a história em quadrinhos a seus filhos, pelos filhos que contam a história a seus pais, pelos pais que a narram para mim, por mim que a narro aos ouvintes. Pelos pacientes que falam conosco, por nós que falamos com eles.

O resultado desse pequeno experimento confirma ser a construção de significado possível através de narrações variadas e entre pessoas afetivamente investidas. Como na sessão analítica, no que coincidem psicanalistas de orientações teóricas as mais diversas. Nesse entretecer, o simbolismo vai se constituindo, a



mente se construindo e expandindo, a individualidade se configurando, a relação e a vida acontecendo.

A experiência de contribuir para a difusão da psicanálise pode servir não apenas para “que tanto o público quanto outros profissionais médicos” possam “ser convencidos do valor da psicanálise como disciplina terapêutica e intelectual”, conforme já citado (Figueira, 1994, p.27), mas também para que, refletindo sobre ela, reencontremos a convicção em nosso instrumento tantas vezes (necessariamente) abalada no difícil, mas instigante trabalho clínico cotidiano. □

Abstract

An analyst thinks over comic strips: report on an experience in a setting of diffusion of psychoanalysis

From the report on her participation in an activity of diffusion of psychoanalysis, the author suggests that these activities might represent opportunities to learn about our profession from a different vertex. In these tasks, psychoanalysts need to communicate with the audience in a way that is necessarily different from that used in their offices or in discussions with colleagues. This effort can shed light on the analytic hearing, identifying our premises of observation and our evaluation of the data obtained. In this particular experience, the author defines as specifically analytic the goal of understanding someone beyond what is already understood, already known. The experience reported is about the proposal made to some parents of children at different ages to read three comic stories to the children (and with them) and later report what happened, independently of the outcome. From this rich material, the author highlights the following aspects: interaction as essential to the possibility of experiencing; emotional investment as determinant of the quality of results; the story is never taken literally, always constructed (constructed as personal and not transferable, but significant enough to be shared); the enjoyment of the interaction (children/parents, author/children, parents and reports); broadening of meanings and possibilities resulting from the experience; utterance as something essential to communication, to the construction of symbols and to individuality. A main finding may have been the search for understanding as a common trait of all the participants, pointing out this search as an inherent need of the human condition. The *truth* of the story proved less important than the story *apprehended*, the true one. The author suggests that the study of our minds in the diffusion of psychoanalysis can also be useful to assure our own confidence in the value of the psychoanalytic instrument.

Keywords: Psychoanalysis. Narration. Diffusion of psychoanalysis. History. Historicization. Psychoanalyst's mind.

Resumen

Un psicoanalista piensa sobre historietas: relato de una experiencia en un contexto de difusión del psicoanálisis

A partir del relato de una participación en actividad de difusión del psicoanálisis, la autora sugiere que ésta puede ser una oportunidad de aprender sobre nuestra profesión desde una otra mirada. En estas tareas, el psicoanalista debe encontrar una manera de comunicarse con la asistencia que sea, necesariamente, distinta de la que utiliza en su consultorio o en discusiones con colegas. Este esfuerzo puede iluminar la escucha analítica, identificando nuestras premisas de observación y nuestra evaluación de los resultados obtenidos. En esta experiencia en particular, la autora constata como específicamente analítica la búsqueda por entender más allá de lo ya comprendido, de lo ya conocido. La experiencia relatada se refiere a la propuesta de que algunos padres de hijos en diferentes edades leyeran para ellos (y con ellos) tres historietas, y después relataran lo que sucedió, fuera cual fuera el resultado. De este rico material, la autora destaca: la interacción como esencial a la posibilidad de que la experiencia suceda; la inversión afectiva como determinante en la calidad de los resultados; la historieta nunca tomada literalmente, siempre construida (construida como personal e intransferible, pero significativa solamente si compartida; el encantamiento de la interacción (niños/ padres, autora/niños, padres y relatos); la apertura de significados y posibilidades que resultó de la experiencia; el habla como recurso esencial a la comunicación, a la construcción de símbolos, a la individualidad. El principal hallazgo quizá haya sido la búsqueda por entendimiento como característica común a todos los entrevistados, señalando ser ésta una necesidad intrínsecamente humana. La *verdad* de la historia encontrada se mostró menos importante que el encuentro de una historia *entendida*, ésta verdadera. La autora sugiere que el estudio de nuestras mentes en la actividad de difusión del psicoanálisis puede ser útil también para nuestra propia convicción del valor del instrumento psicoanalítico.

Palabras llave: Psicoanálisis. Narración. Difusión del psicoanálisis. Historia. Historicización. Mente del psicoanalista.

Referências

- BION, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. London: Karnac.
- FERRO, A. (2000). *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago.
- FIGUEIRA, S. A. (1994). *Freud e a difusão da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREUD, S. (1922). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 284-312.
- OGDEN, T. H. (2005). Do que eu não abriria mão. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 12, n.3, p. 403-415.
- OUTCAULT, R. (1896). The yellow kid. In: ARCO E FLEXA, R. *Problemas Brasileiros*, maio/jun. 2003. Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br/content/download/2249/12956/file/prb0305357_07.pdf> Acesso em: 20 jan. 2007.
- QUINTANA, M. (1986). *Baú de espantos*. Porto Alegre: Globo.
- REZENDE, A. M. (1999). A identidade do analista: função e fatores. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*. v. 3, n.1, p. 161-177.
- WINNICOTT, D. W. (1971). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 01/08/2007

Aceito em 09/05/2008

Eneida Iankilevich

Av. Taquara, 586/206
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ianki@via-rs.net

© Revista de Psicanálise – SPPA



página 228 branca

